



Aureliano, amuado: a solidão de um candidato ético

Aureliano

O pesadelo da mulher loura

Rubens Figueiredo



Primero um galo mais distante, depois outro mais próximo. Os monossílabos de sempre, sempre repetidos, igual a mil manhãs de muitos séculos atrás. Invisíveis, os passarinhos estalavam seus pios cada vez mais fortes, como sininhos balançando nas árvores.

Aureliano já estava acordado antes disso. Foi uma noite tranqüila, um sono de muitos sonhos. Agora, através da enorme vidraça da janela, enrolado nos cobertores, contemplava o céu sobre a sua fazenda brincar com suaves matizes de púrpura, violeta, roxo, ainda antes que o sol decolasse por trás das corcovas das montanhas de minério no horizonte.

Só havia paz naquele amanhecer. Era mais do que paz. O próprio tempo parecia se espreguiçar. Porém, Aureliano sabia que logo o céu estaria entregue à pressa dos aviões, à ansiedade de um país próspero, onde os negócios e os lucros não podem esperar. De vários tamanhos, formatos, em várias altitudes, eles riscariam o céu da fazenda em absoluto silêncio, com curvas de até 90 graus e manobras impossíveis de imaginar há trinta anos atrás.

Era mais do que paz, simplesmente. Havia um vago convite em toda aquela serenidade. Aureliano levantou e se vestiu com uma sensação nova. Ele não conseguia lembrar, mas alguma coisa nos seus sonhos o perturbava. Caminhou até o refeitório, cumprimentou os trabalhadores da sua fazenda. Eles já haviam comido e agora estavam concentrados na televisão, que transmitia diretamente de Tóquio as cotações da bolsa. Conferiam

suas aplicações. Os que lucraram se vangloriavam, zombando impiedosamente dos que haviam perdido. Vibravam a cada nova cifra que surgia na tela.

O ambiente era amistoso e os camponeses ofereceram uma cadeira para o velho Aureliano tomar parte da fraternal troca de insultos. No entanto, ele sentiu que aquele seria um dia diferente, e se recolheu ao seu quarto. Um impulso o fez abrir velhos álbuns de retratos e recortes de jornal. Aureliano Chaves. Parecia outra era, outra vida, e horas se passaram.

Uma das fotos despertou nele um sentimento de leveza e dor, doce e amargo se misturando no mesmo gosto. Ainda tentando, sem sucesso, lembrar-se do sonho, abriu seu armário. Desem-
brulhou uma caixa, tirou a

tampa e lá estavam elas, as duas, o par inseparável. Acariciou suas luvas de boxe como se fosse uma despedida.

Não. O médico tinha prevenido. Ele já tinha passado da idade, há muito tempo. Nada de esforços físicos, nada de nada. Mas dane-se o médico. Aureliano pendurou o velho saco de areia, pôs as luvas, e a delícia dos socos estourando ainda fortes e o couro da luva rangendo e o suor descendo pelo rosto e... Uma ardência que parecia abrir o peito em dois, o pulmão que se contraía e não deixava o ar entrar, Aureliano desabou no chão, olhos abertos fixos no teto.

Era mais do que paz. Agora ele entendia aquela serenidade. Era uma compreensão enorme que o tomava com uma força maior que a própria vida. Esforçou-se para dizer uma coisa, precisava desesperadamente falar. Era como se alguém tivesse feito uma pergunta, e ele lutava com todas as suas forças para responder, falar, mas não conseguia.

Lembrou-se então do sonho. E reviu aquela imagem, ouviu de novo aquela voz, a última voz e imagem da sua vida, aquela mulher loura, de olhos azuis e cara mal-humorada, repetindo e repetindo: acabaram seus dois minutos, olha o seu tempo, Dr. Aureliano, o seu tempo acabou...